

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS-INGLÊS**

MARIA LÍGIA FREIRE GUILHERME

**SOCIOFONÉTICA: UMA ANÁLISE ACÚSTICA DO /R/ EM CODANO
DIALETO CURITIBANO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2015

MARIA LÍGIA FREIRE GUILHERME

**SOCIOFONÉTICA: UMA ANÁLISE ACÚSTICA DO /R/ EM CODA NO
DIALETO CURITIBANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras Português-Inglês, do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação – DALIC – e do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas – DALEM – da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Lucia de Castro Gomes

CURITIBA

2015



TERMO DE APROVAÇÃO

SOCIOFONÉTICA: UMA ANÁLISE ACÚSTICA DO /R/ EM CODA
NO DIALETO CURITIBANO

por

MARIA LIGIA FREIRE GUILHERME

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado em vinte de novembro de dois mil e quinze como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado no curso de Letras Português/Inglês. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Maria Lúcia de Castro Gomes
Professora orientadora

Gustavo Nishida
Membro titular

Jeniffer Imaregna Alcantara de Albuquerque
Membro titular

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso -

À Blenda, que desde sempre me fez (e faz)
acreditar em mim.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram enormemente para que eu chegasse até aqui. E quando eu digo “até aqui” não me refiro apenas, ao aqui óbvio e imediato, a este trabalho de conclusão de curso. O “aqui” engloba todas as minhas escolhas, as cidades onde morei, as pessoas com quem convivi, às amigas e amigos que fiz, pois todas essas mudanças e indecisões me modificaram de alguma forma para que eu chegasse “aqui”. Sendo assim, tenho muitos agradecimentos a fazer.

Primeiramente, gostaria de agradecer imensamente a minha tão querida orientadora Maria Lucia de Castro Gomes, a Malu, pela acolhida, carinho e orientações. Por ter me convidado, ainda no primeiro período, para o grupo de estudos em Fonética Forense que me abriu tantas portas. Malu, obrigada, mesmo, por me “arrastar” para eventos, pelo PIBIC, por tudo. Sem seu carinho e incentivo este trabalho não estaria pronto.

Em segundo lugar, agradeço aos meus pais e à minha família, que mesmo estando a 1000km de distância (ou mais, para alguns) nunca deixaram de estar perto. Mãe, saiba que tudo que eu fiz, faço e o que ainda farei será graças a você, que me incentiva desde a barriga, que acredita na minha capacidade e que me ama incondicionalmente. Obrigada por me ensinar tudo que sei. Ao meu pai Morvan, grande companheiro de aventuras e uma das pessoas mais de bem com a vida que conheço; ao meu avô Hugo grande fonte de conhecimento e inspiração, além dos meus muitos primos e à minha prima-irmã Mariella: obrigada por todo amor e alento. Amo vocês.

Agradeço ainda, com todo o meu amor, ao Rafael, meu grande companheiro, meu amor, que me acompanha desde o início do curso e com quem construí uma família e um lar aqui nessa cidade. Com você sei que nunca estarei sozinha. Obrigada pelo apoio, pela mão que conforta e por ser você. Aproveito o ensejo para agradecer a minha família de Curitiba, meus sogros Dilcéia e Robson e minha cunhada Patrícia. Obrigada por me receberem tão amorosamente na família de vocês e por me fazerem sentir parte da família linda de vocês.

Todo meu amor aos meus amigos que me ensinaram o que é a saudade e como suportá-la, por estarem sempre junto comigo, por me amarem e me aguentarem. Pati, Marcela, Gabriel, Dani, Thiago e todo o nosso enorme grupo de amigos que me faz enxergar a vida de outro jeito.

E agradeço ao amor diário, às fofocas, às companhias para estudo, à parceria incondicional dos meus queridos amigos da faculdade: Gabi, Julia e Tiago. Amigos, sem vocês – literalmente – eu não teria conseguido chegar até aqui. Obrigada por tudo, vocês são demais.

Agradeço também à UTFPR, universidade que me recebeu de braços abertos como aluna e como servidora, pelo mar de possibilidades e pelo incentivo por meio do Programa de Bolsas de Fomento às Ações de Graduação.

Aos amigos da vida, da faculdade, aos meus colegas de trabalho e a todos que me incentivaram nesse meio tempo: obrigada!

“Linguistic choices are viewed as one type of symbolic resource in the construction and maintenance of identity”

(Paul Foulkes)

RESUMO

GUILHERME, Maria Lúcia Freire. **Sociofonética: Uma Análise Acústica do /R/ em coda no Dialeto Curitibano**. 2015. 50 folhas. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

Este Trabalho de Conclusão de Curso reside na área da Linguística, mais precisamente na área de Sociofonética, que busca analisar os sons da fala e suas variações em função de aspectos históricos, econômicos, sociais. A partir desses pressupostos, foi feita uma análise acústica do segmento /R/ em coda das produções do dialeto de Curitiba (PR). Para tanto, foram selecionados dois falantes curitibanos, pai e filho, e foram feitas gravações de suas produções do segmento alvo, utilizando sentenças veículo, leitura de um pequeno conto e fala semi-espontânea. As palavras alvo foram repetidas cinco vezes, nas sentenças veículo. Posteriormente, foi feita medição de alguns parâmetros acústicos, F1, F2 e F3, das gravações de modo a descrever as produções do segmento alvo por falantes curitibanos, fazendo uma análise intrafalante e interfalante, buscando respaldo teórico em pesquisadores da sociolinguística como Labov (1972) e Tarallo (1985) e das áreas da fonética e sociofonética, como Foulkes (2010), Spolsky (1998) e Silva (2007). Nesta pesquisa, havia a hipótese inicial de que as produções seriam predominantemente do segmento retroflexo, por acreditarmos na influência dos dialetos de pessoas advindas do interior do estado na fala dos nascidos em Curitiba. Constatou-se que, de fato, os falantes produziram a variante retroflexa.

Palavras-Chave: Sociofonética. Variação linguística. Curitiba. Róticos. Retroflexo. Tepe

ABSTRACT

GUILHERME, Maria Lígia Freire. **Sociofonética: Uma Análise Acústica do /R/ em coda do Dialeto Curitibano.** 2015. 50 folhas. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

This paper lies in the area of linguistics, specifically of sociophonetics. This area aims to analyze speech sounds and their variations due to historical, economic and social aspects. It is intended, therefore, to do an acoustic analysis of the /R/ segment, in coda position, of Curitiba (PR) dialect production. For that, two speakers from Curitiba were selected, father and son, who recorded vehicle sentences, repeated five times, text reading and a semi-spontaneous speech. Subsequently, we analyzed some acoustic parameters of the recordings, first, second and third formants, in order to describe the target segment productions for each speaker. Furthermore, we made an intraspeaker and interspeaker analysis to verify if there were phonetic variations. In this research, we consider the hypothesis of a predominance of the retroflex segment because of the proximity of the informants to people from the countryside of the state.

Keywords: Sociophonetics. Linguistic Variation. Curitiba. Rhotics. Retroflex. Tap.

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------------|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 11 |
| 2. REVISÃO DE LITERATURA | 16 |
| 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 18 |
| 3.1 SOCIOLINGUÍSTICA | 18 |
| 3.2 FONÉTICA..... | 19 |
| 3.3 SOCIOFONÉTICA..... | 20 |
| 3.4 SEGMENTO..... | 21 |
| 3.5 RÓTICOS | 22 |
| 4. METODOLOGIA | 24 |
| 4.1 INFORMANTES | 25 |
| 4.2 COLETA E ANÁLISE DE DADOS | 25 |
| 5. RESULTADOS | 27 |
| 6. DISCUSSÃO | 30 |
| 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 38 |
| REFERÊNCIAS | 40 |
| APÊNDICE A | 43 |
| APÊNDICE B | 44 |
| APÊNDICE C | 45 |
| APÊNDICE D | 46 |
| APÊNDICE E | 48 |
| APÊNDICE F | 50 |
| ANEXO 1 | 51 |
| ANEXO 2 | 53 |

1. INTRODUÇÃO

Em um país com dimensões continentais como o Brasil, o distanciamento de uma comunidade de fala de outra corrobora para o desenvolvimento de diferentes manifestações linguísticas, relacionadas tanto ao distanciamento físico, quanto a questões sociais, religiosas, de gênero etc. Até mesmo dentro de uma cidade ou bairro é possível encontrar indivíduos que, mesmo falando a mesma língua, a usam de maneiras distintas. O estudo dessas variações linguísticas faz parte da vertente da linguística chamada Sociolinguística, que tem Labov (1972) como seu precursor. Spolsky (1998) define o conceito de sociolinguística:

Sociolinguística é o campo que estuda a relação entre língua e sociedade, entre os usos da língua e as estruturas sociais em que os falantes de uma língua vivem. É um campo de estudos que assume que a sociedade humana é feita de vários padrões e comportamentos relacionados, sendo alguns deles, linguísticos. (SPOLSKY, 1998, p. 3, traduzido pela autora)¹

Considerando, portanto, a relação existente entre a língua e a sociedade, pode-se adentrar na questão dos sotaques, que são, justamente, as exteriorizações mais imediatas da identidade linguística dos indivíduos e exibem aspectos inerentes a determinadas variedades linguísticas. A identidade, tanto social quanto linguística, se desenvolve a partir do contexto em que estão inseridos os falantes. De acordo com Rajagopalan (1998), o indivíduo se torna real a partir da sua definição como um ser social.

Sendo assim, os falares de comunidades com uma mesma língua, como os brasileiros de Curitiba ou os de Belo Horizonte, por exemplo, se distinguem: apesar de falarem a mesma língua, o fazem de maneiras distintas, são as chamadas variações linguísticas. Cabe lembrar que as variações podem ocorrer com base nas distâncias geográficas, mas pode também ter influência da faixa etária, classe social e gênero dos falantes, por exemplo. Essas variações são, na verdade, parte constituinte das línguas naturais, como afirma Camacho (2011, p. 35):

Com efeito, um dos princípios mais evidentes desenvolvidos pela linguística é que a organização estrutural de uma língua (os sons, a gramática, o léxico) não está rigorosamente associada com homogeneidade; pelo contrário, a variação é uma característica inerente das línguas naturais.

¹ Sociolinguistics is the field that studies the relation between language and society, between the uses of language and the social structures in which the users of language live. It is a field of study that assumes that human society is made up of many related patterns and behaviours, some of which are linguistic” (SPOLSKY, 1998, p. 3)

Pensando, então, em como essas diferentes variações linguísticas podem acontecer entre cidades de um país e, até mesmo, entre falantes de uma mesma cidade, volta-se à ideia dos sotaques, que funcionam, de certo modo, como uma marca da identidade de um determinado lugar. O falar dos cariocas, por exemplo, é facilmente reconhecido em outras cidades brasileiras, uma vez que possui características prosódicas e fonéticas muito particulares. Esse fenômeno, contudo, não se limita aos falantes nascidos no Rio de Janeiro. Os falares de cada lugar ou região geram bastante interesse e são frutos de diversas pesquisas e análises na linguística. Esse, inclusive, é um dos motes que incentivou esta pesquisa. Por ter origem na cidade de Belo Horizonte (MG) e por residir há poucos anos na cidade de Curitiba, me chamam muito a atenção as produções dos róticos em final de sílaba no dialeto curitibano, uma vez que no sotaque belorizontino os /R/ em coda são predominantemente glotais. Essa percepção dos segmentos /R/ do dialeto de Curitiba como sendo majoritariamente tepes e retroflexos impulsionou o presente estudo.

Tomando como ponto de partida de análise para este trabalho o dialeto de falantes de Curitiba, deve-se levar em consideração que o estado do Paraná, como pontuam Aguilera e Silva (2011), passou por três movimentos de ocupação principais: a partir do século XVII com o contato entre paulistas e indígenas falantes de línguas do grupo tupi; com a chegada ao estado de paulistas e mineiros no fim do século XIX e com o percurso de mineiros e paulistas na direção norte e de gaúchos e catarinenses com ascendência europeia, em direção ao oeste. Esses processos migratórios e o contato de indivíduos de áreas distantes e distintas colaboraram para a caracterização do dialeto paranaense e, por consequência, do curitibano, como atualmente são.

Pretende-se, portanto, com este trabalho, fazer uma análise sócio-acústica descritiva do falar curitibano, mais especificamente, da maneira como esse produz o segmento consonantal /R²/ em final de sílaba, como na palavra *porta*, por exemplo. Essa escolha dá-se pela compreensão de que:

As principais regras fonológicas de variação no português brasileiro ocorrem na posição pós-vocálica na sílaba. (...) É justamente a consoante que segue o núcleo silábico – posição chamada pós-vocálica ou de travamento na sílaba – que está sujeita a grande incidência de variação.” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 79)

² Optou-se pela representação dos segmentos equivalentes ao “R” ortográfico como /R/, considerando o conceito de arquifonema proposto por Mattoso Câmara, que sugere que esse som, especificamente, não representa apenas um som, como o fonema /m/ na palavra *mar*, mas sim, um conjunto de sons que não possuem função distintiva, como o “R” final nessa mesma palavra. Os arquifonemas são segmentos em que não há contraste fonêmico e sim uma neutralização.

Sabendo, desse modo, que os segmentos consonantais pós-vocálicos são mais propícios a variação, anseia-se examinar diferentes produções do segmento /R/ nesse contexto, de dois falantes nascidos em Curitiba, para analisar a existência de possíveis variações linguísticas dentro do dialeto de uma mesma comunidade de fala, uma vez que, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p. 84), o /R/ em coda “pode ser foneticamente realizado de várias maneiras”. Isso posto, surge o questionamento a respeito das semelhanças e diferenças mais marcantes entre as produções do segmento /R/ em coda de falantes curitibanos, objeto de estudo desta pesquisa. Além disso, existe a hipótese de que a variante retroflexa esteja cada vez mais em voga no dialeto do curitibano, talvez até alcançando um espaço que antes era ocupado pelo tepe.

Isso posto, decidiu-se que esta pesquisa teria como objetivo verificar eventuais diferenças acústicas das produções do segmento /R/ em coda do dialeto curitibano. Para isso, foram feitas gravações de dois falantes nascidos em Curitiba, a partir de uma seleção de material preparada para esse fim. Foi feita a leitura das sentenças veículo e das distratoras, repetidas cinco vezes e organizadas de maneira aleatória. Além disso, foi feita uma leitura de um pequeno conto, além de um breve relato dos informantes, a partir de uma imagem que remetia ao conto lido previamente. Findadas as gravações, foram medidos parâmetros acústicos do segmento /R/ em coda e foi feita discussão e análise dos dados coletados, com intuito de verificar eventuais variações intrafalante e interfalante, levando em conta aspectos como classe social, faixa etária e formação profissional.

Este tipo de pesquisa, amparada pelos pressupostos da sociolinguística e da sóciofonética, pretende gerar contribuições para essas áreas de estudo e faz-se relevante ao consideramos a relação evidente que existe entre a identidade de um indivíduo e a sua língua. Para Rajagopalan (1998), “a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela” (RAJAGOPALAN, 1998, p. 41). O estudo das manifestações linguísticas de um determinado grupo ou cidade pode contribuir, portanto, para uma maior compreensão daqueles indivíduos como integrantes de uma comunidade. Sendo assim, a busca por descrever e compreender as produções do /R/ em coda de dois falantes curitibanos fornece elementos para a criação de um perfil desses falantes, que pode servir de base para uma pesquisa futura mais abrangente acerca do dialeto do curitibano.

Considerando essa relação entre língua e identidade, podemos então pensar nas concepções e no objeto de estudo da sociolinguística. Para Tarallo, por exemplo, “a língua falada a que nos temos referido é o veículo linguístico de comunicação usado em situações

naturais de interação social, do tipo comunicação face a face” (TARALLO, 1985, p. 19). Sendo assim, existem laços mútuos entre esses conceitos. Considerando, então, a existência desses laços, é possível inferir que o entendimento das manifestações linguísticas de um povo ou comunidade é essencial para a compreensão da sua totalidade e cultura. Rajagopalan aprofunda seu entendimento a respeito da identidade, considerando-a por sua fluidez e por seu teor ideológico: "a própria questão da identidade está ligada à ideia de interesses e está investida de ideologia. Assim, a construção de identidades é uma operação totalmente ideológica" (RAJAGOPALAN, 1998, p. 42).

Sendo assim, é possível perceber a importância da compreensão da identidade atrelada à língua, como também aponta Foulkes: “escolhas linguísticas são vistas como um tipo de recurso simbólico na construção e manutenção da identidade” (FOULKES, 2010, p. 709, traduzido pela autora³). Faz-se relevante, desse modo, estudar as diferentes manifestações linguísticas de um povo de determinada região, como se pretende com este trabalho com o estudo do /R/ em coda em falantes do dialeto curitibano. Rajagopalan afirma que:

a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Em outras palavras, as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso por sua vez significa que as identidades em questão estão sempre num estado de fluxo. (RAJAGOPALAN, 1998, p. 41)

Para que este trabalho se desenvolvesse foi necessário retomar conceitos fundamentais do ramo da linguística aplicada como a sociolinguística, a fonética e a sociofonética, além de outros trabalhos similares desenvolvidos. Para tanto, foram estudados textos fundamentais de autores como Labov (1972) e Tarallo (1985) para a sociolinguística, Silva (2007) e Cristóvão-Silva (2005) para a fonética e Foulkes (2010) e Spolsky (1998) para a sociofonética e artigos e dissertações de pesquisadores que buscaram analisar aspectos da fonética e sociofonética no Brasil.

Este trabalho busca, além de fazer um apanhado teórico a respeito do tema, analisar dados de dois falantes curitibanos, por meio da gravação de texto, sentenças veículo e fala semi-espontânea. A partir da análise dos dados coletados foi possível perceber como a variante retroflexa é presente no dialeto curitibano, possivelmente em função da proximidade dos habitantes de Curitiba de pessoas de outras cidades, especialmente do interior do estado do Paraná.

³ “Linguistic choices are viewed as one type of symbolic resource in the construction and maintenance of identity” (FOULKES, 2010, p. 709)

Isso posto, este trabalho está dividido em capítulos que farão uma revisão de literatura a respeito do assunto, abordarão com mais profundidade os conceitos teóricos necessários à compreensão, além de trazer capítulos com os resultados dos dados coletados, a discussão e análise desses dados, bem como a metodologia e as conclusões tiradas. Por fim, são listadas as referências, anexos e apêndices.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Dentre as pesquisas já realizadas na área da sociofonética, algumas, em especial, possuem alguma proximidade com o que se pretende com este trabalho, seja quanto ao objeto de análise, seja pela metodologia. “A maioria dos trabalhos realizados sob o prisma da sociofonética tem se centrado na identificação das funções indiciais de características de produção da fala” (FOULKES, 2010, p. 704)⁴. Existe a hipótese de que as produções do segmento /R/ que serão analisadas neste trabalho, podem se manifestar por meio da produção do segmento como um tepe ou como um retroflexo, visto que, perceptivamente, são esses os segmentos mais comuns nas produções do dialeto do curitibano.

Um trabalho desenvolvido em 2006 por Silva, Clemente e Nishida, por exemplo, buscou analisar o comportamento do tepe em coda final em substantivos e verbos, a partir de dados de quatro informantes residentes de Curitiba. Constatou-se, nesse trabalho, que onde existe produção do tepe em coda, há a “existência de um elemento de característica vocálica situado entre o segmento em questão e a consoante adjacente” (SILVA; CLEMENTE & NISHIDA, 2006, p. 13).

Dois dos autores supracitados, no ano seguinte, desenvolveram uma pesquisa que descreve o tepe que ocorre no português brasileiro e no espanhol da Argentina. Os autores pontuam que esse segmento pode ocorrer em três contextos: intervocálico, grupos consonantais e em coda silábica. Sendo esse último o mesmo contexto de análise escolhido para a pesquisa dos autores, bem como para a pesquisa que se propõe neste projeto. Bem como se pretende fazer neste trabalho, a pesquisa de Clemente e Nishida (2007) foi feita a partir de análise acústica do segmento. As pesquisas a respeito das produções dos róticos no dialeto curitibano analisam predominantemente o tepe, o que ocasiona na impressão de que essa é a variante mais comum dos falantes de Curitiba. Os estudos encontrados a respeito da variante retroflexa, por sua vez, descrevem produções do interior do estado do Paraná e de outros estados.

Sobre a produção do retroflexo, Brandão (2007) buscou fazer um levantamento dos registros de ocorrência do retroflexo, sem excluir as suas manifestações – tepe ou aproximante – para indicar, em um mapa, as áreas de maior abrangência desses segmentos. De acordo com a autora, “dentre os tipos de pronúncia que diferenciam o Português do Brasil das demais variedades do Português, as mais significativas são, sem dúvida, as realizações retroflexas de –

⁴ “The majority of work carried out under the rubric of sociophonetics has focused on identifying the indexical roles of features of speech production.”(FOULKES, 2010, p. 706).

R” (BRANDÃO, 2007, p. 265). Feita a pesquisa, concluiu-se que “a área correspondente à retroflexa concentra-se no Paraná – onde apenas em seis das 100 localidades em que se realizaram inquéritos não se registrou a variante” (BRANDÃO, 2007, p. 271). Em trabalho posterior, Aguilera e Silva afirmam que a variante retroflexa “se concentra no interior do Paraná, de São Paulo, do Mato Grosso do Sul; no Sul de Goiás, do Mato Grosso e de Minas Gerais”. (AGUILERA & SILVA, 2011).

Ainda sobre o retroflexo, Ferraz (2005) elaborou um estudo que aborda as características fonético-acústicas do /R/ retroflexo a partir de dados de falantes da cidade de Pato Branco, interior do Paraná. A pesquisa de Ferraz (2005) foi feita partir da análise de sentenças veículo e foram medidos os valores de F1, F2 e F3 dos róticos em coda medial e final. Nessa pesquisa, o autor concluiu que, para seu conjunto de dados, existia efeito de co-produção das vogais na configuração dos formantes. O trabalho de Ferraz (2005) possui proximidade com a pesquisa desenvolvida neste trabalho, especialmente no que tange aos objetivos e metodologia.

Diversos trabalhos dentro da linguística abordam e discutem as manifestações de tepes e retroflexos, além de outros segmentos, como reflexos da identidade de um determinado povo de uma determinada localidade, da mesma forma que se pretende com esta pesquisa. Contudo, os trabalhos supracitados abordam, cada um deles, um segmento específico. Neste projeto, pretende-se encontrar produções tanto de tepes quanto de retroflexos, com foco nos falares de falantes de Curitiba.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 SOCIOLINGUÍSTICA

A sociolinguística é o campo de estudos que se ocupa de entender a relação entre língua e sociedade. Labov (1972) é considerado o precursor dos estudos nessa área a partir de suas pesquisas sobre o inglês falado em Martha's Vineyard, Massachusetts (EUA) e sobre a estratificação social da pronúncia do /R/ em lojas de departamento em Nova York (EUA) na década de 1960. Para Labov, as mudanças sonoras são motivadas por aspectos sociais e a existência da língua depende das interações sociais.

Labov, em entrevista à revista ReVEL, afirma ser a língua (*language*) o objeto de estudos da sociolinguística, “o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana, (...) o alvo do trabalho em Variação Linguística” (LABOV, 2007, p.1). Diferentemente de outras vertentes da linguística, como o estruturalismo de Saussure, que consideram a língua como um sistema homogêneo, Labov acredita na percepção crescente

de que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala — a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos. (LABOV, 2008, p. 13)

Sobre o modelo de análise proposto por Labov, Tarallo (1985) afirma que esse se apresenta como uma reação à falta, no modelo gerativo, do componente social. “Foi, portanto, William Labov quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada” (TARALLO, 1985, p. 7).

Dentro da sociolinguística, alguns conceitos são importantes e devem ser ressaltados: os conceitos de variedade, variante e variável. Para Tarallo (1985), as *variedades* são as diversas manifestações linguísticas de uma determinada língua, podendo ter influências culturais, sociais, políticas e históricas de seus falantes. As *variantes*, por sua vez, são “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística’” (TARALLO, 1985, p. 8, grifo nosso).

Na sociolinguística, são estudadas as variedades linguísticas dos pontos de vista sincrônico – a partir de um dado momento – e diacrônico – ao longo do tempo. Na pesquisa diacrônica, o linguista pesquisador descreve dois ou mais momentos consecutivos de uma

língua, diferenciando as variantes em uso e desuso. Já na sincrônica, o linguista opta por analisar seu objeto a partir de três vieses distintos: o diatópico (geográfico, regional), diastrático (social) ou diafásico (estilístico, contextual).

Isso posto, é possível afirmar que aspectos sociais, econômicos e até mesmo gênero e faixa etária podem ser determinantes no processo de mudança linguística e podem corroborar na explicação da existência de diversas variedades. De acordo com Camacho (2011), o domínio de uma determinada língua depende do grau de contato entre um falante e outros falantes de uma mesma comunidade, de acordo com o autor:

quanto maior o contato entre os falantes de uma comunidade, tanto maior a semelhança entre seus atos verbais. Dessa tendência para a maior semelhança entre os atos verbais dos membros de uma mesma comunidade resulta a variação geográfica e a variação sociocultural. As variedades geográficas são o resultado direto da distância física entre os falantes; assim, pessoas que residem em lugares diferentes tendem a falar de modo diferente. (CAMACHO, 2011, p.40)

Por considerarmos, então, que o contato de um falante com os outros membros de sua comunidade de fala, bem como fatores sociais, culturais, geográficos podem contribuir para as produções linguísticas dos indivíduos, este trabalho utilizará alguns preceitos da sociolinguística.

3.2 FONÉTICA

A fonética é o campo da linguística que estuda e investiga os sons da fala humana, sobretudo os sons que estruturam as línguas. Dentro da linguística, contudo, além da fonética, a fonologia também se ocupa do estudo dos sons da fala. Entretanto, enquanto a fonética estuda quaisquer sons da fala de uma língua, a fonologia considera os sons que constituem a estrutura sonora da língua, formando as palavras, relacionando-se à significação. A fonética “passou a ser concebida como a disciplina que estuda os sons da fala sob os aspectos articulatório, acústico e perceptual” (SILVA, 2007, p. 8).

Essas três vertentes da fonética são conectadas e relacionadas. Estudar os sons da fala pelo viés articulatório busca explicar como aspectos fisiológicos são utilizados para a formação e interpretação dos sons. Sendo assim, é possível entender como boca, laringe e pulmões trabalham para produzir os sons, por exemplo. O estudo sob o prisma perceptivo, por outro lado, busca compreender e explicar “como se dão os processos psicológicos pelos quais as pessoas percebem a fala” (SILVA, 2007, p. 9). Já a análise fonética acústica de sons da fala

pretende observar “atributos físicos desses sons, como frequência, intensidade e duração, atributos esses que, ao mesmo tempo em que caracterizam um determinado som da fala, o tornam distinto dos demais” (SILVA, 2007, p. 9). Para esta pesquisa, pretende-se estudar todas as produções do segmento /R/ em coda do dialeto curitibano, portanto, será feita uma análise fonética e um estudo, sobretudo acústico, dessas produções.

3.3 SOCIOFONÉTICA

Uma pesquisa sociolinguística, que busca entender e explicar diferentes variedades linguísticas, pode tomar como objetos de estudos palavras, expressões, ritmo de fala, sons e conectar as distinções de uso desses com aspectos sociais, regionais, históricos etc. Porém, quando o foco de análise passa a ser as variações de pronúncia de um determinado segmento fônico, por exemplo, adentra-se no ramo da sociolinguística chamado de sociofonética.

A respeito da sociofonética, Foulkes e Docherty afirmam:

A variação sociofonética refere-se a variados aspectos da estrutura fonética ou fonológica, em que formas alternativas se correlacionam com fatores sociais. Esses fatores incluem, mais explicitamente, as categorias sociais que vem sendo examinadas profundamente por sociolinguistas e dialetologistas: gênero do falante, idade, etnia, classe social, afiliações a grupos, origem geográfica e estilo de fala. Pode haver correlação entre mais de uma categoria social simultaneamente e a variação pode ser observada a partir do repertório de um falante individual ou em grupos de falantes. (FOULKES & DOCHERTY, 2006, p. 411, traduzido pela autora)⁵

Para Foulkes (2010), “escolhas linguísticas são vistas como um tipo de recurso simbólico na construção e manutenção da identidade” (FOULKES, 2010, p. 709, traduzido pela autora⁶). Essas mudanças, contudo, não surgem arbitrariamente, mas seguem determinados padrões, como afirma Camacho:

Esses fatos linguísticos nos levam a concluir também que a variação não é um processo sujeito ao livre arbítrio de cada falante, que se expressaria, assim, do jeito que bem entender; muito pelo contrário, a variação é um fenômeno regular,

⁵ “In sociophonetic variation refers to variable aspects of phonetic or phonological structure in which alternative forms correlate with social factors. These factors include most obviously those social categories which have been examined extensively by sociolinguists and dialectologists: speaker gender, age, ethnicity, social class, group affiliations, geographical origin, and speaking style. Correlation may be with more than one social category simultaneously, and variation may be observable within the repertoire of an individual speaker or across groups of speakers”. (FOULKES & DOCHERTY, 2006, p. 411)

⁶ “Linguistic choices are viewed as one type of symbolic resource in the construction and maintenance of identity” (FOULKES, 2010, p. 709)

sistemático, motivado pelas próprias regras do sistema linguístico. (CAMACHO, 2011, p. 722)

O tema principal e unificador da pesquisa sociofonética é, portanto, como pontua Foulkes, “identificar e, sobretudo, explicar as fontes, *loci*, parâmetros e funções comunicativas das variações de fala socialmente estruturadas” (FOULKES, 2010, p. 704, traduzido pela autora⁷) dentro de uma comunidade de fala. Esta pesquisa dialoga com os pressupostos da sociofonética, uma vez que há a compreensão de que diferentes manifestações fonéticas podem ser entendidas por meio de fatores sociais.

3.4 SEGMENTO

Para a fonética articulatória, como aponta Cristóvão-Silva (2005), os sons produzidos pelo sistema fonador humano são chamados fones ou segmentos. Esses sons podem ser consoantes, vogais ou glides (semivogais). As consoantes são produzidas a partir de alguma obstrução no trato vocal e os segmentos consonantais são caracterizados segundo os critérios de modo de articulação, lugar de articulação, vozeamento/desvozeamento e nasalidade/oralidade, Cristóvão-Silva (2005, p. 26) define o segmento consonantal como um “som que seja produzido com algum tipo de obstrução nas cavidades supraglóticas de maneira que haja obstrução total ou parcial da passagem de ar podendo ou não haver fricção”. As vogais, por sua vez, são produzidas de modo que a corrente de ar dos pulmões não sofra obstruções no trato vocal, sendo classificadas de acordo com a altura da língua, anterioridade ou posterioridade da língua, arredondamento dos lábios e nasalidade ou oralidade.

Dentro da categoria dos segmentos consonantais, tem-se a subcategoria das consoantes líquidas, que incluem os sons de /l/ e /R/, as consoantes laterais, vibrantes e tepe. Entre essas produções, contudo, existem diferenças, como aponta Silva (2007, p. 70): “as laterais (sons de /l/) e os róticos (sons de /r/) têm aspectos bastante distintos, especialmente porque as laterais são contínuas e os róticos – como vibrantes e *Tapes*⁸ – não”.

⁷ “The unifying theme of sociophonetic work is the aim of identifying, and ultimately explaining, the sources, loci, parameters, and communicative functions of socially structured variation in speech” (FOULKES, 2010, p. 704)

⁸ Optou-se, neste trabalho, pelo uso do termo “tepe”. Silva (2007), bem como Clemente e Nishida (2007), optam pelo termo em inglês – “*tap*”.

3.5 RÓTICOS

Os róticos – denominação essa advinda do inglês *rhotics* – são os sons representados pelo grafema “R” e, apesar de possuírem apenas uma representação gráfica, podem ser produzidos em pontos e modos de articulação distintos, “(...) assim, eles podem ser *Tapes*, fricativos, vibrantes; podem ser alveolares, retroflexos, velares, glotais. Tal variabilidade – note – não ocorre apenas entre línguas: ela se verifica numa mesma língua” (SILVA, 2007, p. 47), além disso, manifestações distintas desse som podem acontecer na fala de um mesmo indivíduo.

Dentre as manifestações dos róticos supracitadas, cabe uma descrição um pouco mais aprofundada a respeito das características acústico-articulatórias de três delas, o tepe, as aproximantes e a variante retroflexa. Entende-se que essas são as mais utilizadas no estado do Paraná. De acordo com Ladefoged e Maddieson (1996), os tepes são resultado de um contato rápido entre a ponta da língua do falante e a região alveolar ou dental, já as aproximantes são ocasionadas por uma aproximação dos articuladores. O /R/ retroflexo, “combina além dessa aproximação entre os articuladores- uma constrição na região mais baixa da faringe, bem como arredondamento dos lábios” (FERRAZ, 2005, p. 15). Os estudos desenvolvidos por Ladefoged e Maddieson (1996) e articulados por Ferraz (2005), tratam das características dos róticos na língua inglesa. Ferraz (2005) ainda menciona que no Português Brasileiro (PB), “a articulação desse som é um pouco mais recuada do que uma alveolar, com a língua flexionando-se para trás, tocando o céu da boca com a sua superfície inferior, o que, de certo modo, assemelha-se às descrições já feitas para o retroflexo do inglês norte-americano” (FERRAZ, 2005, p. 15).

Quanto às características acústicas dos róticos, Ferraz (2005) apropria-se das conclusões dos estudos de Lindau (1985) e afirma que “não é possível apontar um correlato articulatório para os róticos de uma maneira geral, ela também afirma que não existe um correlato acústico” (FERRAZ, 2005, p. 34). Os róticos podem variar também em função de sua posição dentro da palavra, podendo estar em contextos, de acordo com Cristófaros-Silva (2005): intervocálico, seguindo consoante (C) na mesma sílaba, em início de palavra, seguindo C em outra sílaba, final de palavra e final de sílaba. Quando um segmento se encontra em final de sílaba, seja no meio ou no final de uma palavra, diz-se que está em posição de *coda*. Essa posição, no português brasileiro, “caracteriza uma especificidade da distribuição consonantal do português” (CRISTÓFARO-SILVA, 2005, p. 51) e sua pronúncia pode variar de acordo

com o dialeto de uma comunidade de fala e contexto social, por exemplo. Pretende-se, nesta pesquisa, estudar as manifestações do segmento /R/, em posição de coda do dialeto curitibano.

4. METODOLOGIA

A primeira etapa da pesquisa consistiu em um levantamento bibliográfico a respeito dos principais temas estudados neste trabalho, especialmente aqueles que elaboraram e discutiram conceitos teóricos a respeito da sociolinguística e sociofonética, como Labov (1972), Foulkes (2010) e Spolsky (1998), além de uma revisão da literatura desenvolvida na área de análise acústica, especialmente dos róticos, com Clemente e Nishida (2007), Brandão (2007) e Ferraz (2005). A segunda etapa da pesquisa foi a elaboração dos materiais a serem utilizados para a coleta de dados. Esses materiais consistiram em 7 (sete) sentenças veículo com palavras alvo, além de outras 5 (cinco) sentenças com distratores (Apêndice A), para evitar que os informantes tivessem consciência de quais eram as palavras alvo; um pequeno conto com 4 (quatro) palavras alvo inclusas (Anexo 1) e uma imagem relacionada ao conto lido (Anexo 2), que orientou um contexto de fala espontânea dos falantes, que deveriam “recontar” a história lida anteriormente por meio de imagens, para que surgisse, em contexto de fala espontânea, a produção de pelo menos mais 2 (duas) palavras alvo. Todas as palavras alvo deveriam, necessariamente, conter o segmento /R/ em coda.

A escolha das palavras-alvo aconteceu de modo que a sílaba que contivesse o segmento /R/ em coda fosse tônica, em palavras paroxítonas, utilizando as sete vogais orais do português brasileiro, a saber: *marca, cerca, esperto, Mirtes, porco, porta, furto*. O contexto fonológico das palavras alvo continha o segmento /R/ seguido de plosivas alveolares e velares.

Em seguida, foi feita a coleta de dados. Para tanto, foram selecionados dois falantes nascidos na cidade de Curitiba e a gravação das sentenças e materiais elaborados previamente aconteceu no Laboratório de Fonética da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, em 21 de setembro de 2015. Os informantes responderam um breve questionário (Apêndice B) que permitiu que fosse feito um levantamento social e cultural, bem como preencheram um termo de consentimento (Apêndice C) para a participação na pesquisa. Pretendia-se que esses falantes tivessem idades distintas, como pai e filho nascidos em Curitiba, por exemplo.

Colhidos os dados, foi feita uma análise acústica manual dos formantes F1, F2 e F3, utilizando o programa PRAAT. Em seguida, foi feita uma avaliação intrafalante e interfalantes, buscando traçar semelhanças e diferenças entre as produções obtidas, considerando a questão da variação linguística, em uma análise qualitativa. Ainda nesse momento, foram feitas as pesquisas teóricas que deram suporte às análises. Por fim, foi feita discussão que buscou uma relação entre os dados e as referências teóricas, buscando comprová-las ou acrescentá-las.

4.1 INFORMANTES

Uma das hipóteses surgidas no desenvolvimento deste trabalho é a que a variante retroflexa venha ocupando um espaço maior nas falas dos habitantes de Curitiba, por ser essa uma variante comum em cidades do interior do Paraná, como analisado por Brandão (2005), e por haver na capital do Paraná um grande fluxo migratório de habitantes do interior. Desse modo, as pessoas nascidas em Curitiba passam a ter contato com pessoas de outras cidades. Estudos foram feitos analisando a variante *tepe* nas produções de róticos dos Curitibanos, como Clemente e Nishida (2007), por exemplo. Mas poucas referências são encontradas a respeito da variante retroflexa no falar curitibano⁹. Sendo assim, decidimos coletar dados de falantes nascidos em Curitiba, mas que possuíssem contato com pessoas de cidades do interior, por acreditarmos que essa proximidade possa interferir nas produções dos segmentos /R/ em coda desses falantes.

Foram selecionados dois falantes nascidos em Curitiba, pai e filho. O pai, de 55 anos, é bancário e o filho, de 23 anos, é estudante de curso superior. Ambos possuem uma relação de proximidade com uma pessoa advinda do interior do Paraná, da cidade de Cornélio Procópio, cujo grau de parentesco com os informantes é esposa e mãe, respectivamente.

4.2 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A coleta de dados aconteceu no laboratório de fonética da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Curitiba, em 21 de setembro de 2015. Os dados foram gravados utilizando o programa Audacity, a uma taxa de 44100 Hz, em um computador *Pentium Dual Core 5.300 2.60 GHz*, com 1.99GB de memória RAM, com Sistema operacional *Windows XP 2002 Service Pack 3*, placa de som externa *M-AudioFastTrack Pro 4x4* e um microfone *AKG 3000 B*.

Após preenchimento do termo de consentimento e de questionário sócio-demográfico, foi explicado como aconteceriam as gravações e distribuídos os materiais de leitura. Primeiramente, o pai fez a leitura das sentenças alvo e distratoras que foram repetidas cinco vezes e já estavam organizadas de forma aleatória, de modo que os informantes leram todas em sequência. Em seguida, foi feita a leitura do conto e, por fim, a pesquisadora entrou no estúdio junto com o informante, mostrando as figuras selecionadas e solicitando que ele recontasse a história, usando suas próprias palavras. O mesmo procedimento se deu com o filho. Feitas as

⁹ FERRAZ (2005) faz um estudo fonético acústico do /R/ retroflexo com dados de informantes de Pato Branco (PR).

gravações, foi utilizado o *software* PRAAT, desenvolvido no Instituto de Ciências Fonéticas da Universidade de Amsterdã, por Paul Boersma e David Weenik, para análise espectrográfica e medições de formantes. Após feita etiquetagem e medições, os dados foram transcritos para planilhas do Excel e analisados. Foi calculada uma média dos valores dos formantes nas palavras repetidas e feita uma análise interfalante, comparando os dados de pai e filho, e intrafalante, buscando perceber eventuais variações entre as produções nas sentenças alvo, leitura e contexto de fala semi-espontânea.

Espera-se com esta pesquisa traçar um panorama a respeito das produções acústicas do segmento /R/ em coda do dialeto do curitibano, por meio da análise qualitativa de dados de dois falantes nascidos em Curitiba. Considerando os conceitos da variação linguística e também o fato de Curitiba ser uma capital que recebe um grande número de habitantes de cidades da região metropolitana e do interior do estado, há expectativa de que a análise dos dados indique mais de um tipo de produção do segmento supracitado, o rótico retroflexo e o tepe. Outra hipótese é que apenas um dos segmentos seja constante nos falares dos falantes selecionados ou, até mesmo, que um mesmo falante possa produzir o segmento de maneiras distintas. Além disso, considerando aspectos como migração de habitantes vindos do interior do Paraná e de outros estados para a cidade de Curitiba, que a variante retroflexa possa estar, aos poucos, substituindo o tepe.

5. RESULTADOS

Feita a coleta de dados, passou-se à medição dos valores dos formantes por meio do programa PRAAT. Foi feita uma primeira análise de oitiva das produções dos falantes pai e filho e, perceptivamente, constatou-se que ambos produziram majoritariamente a variante retroflexa [ɻ] em suas falas, tanto na leitura das sentenças *veículo* e *do conto*, quanto na fala semi-espontânea. A seguir, para verificar essa primeira impressão, foi feita medição manual dos valores de F1, F2 e F3 de cada uma das repetições das palavras alvo e, posteriormente, feito o cálculo das médias das produções. As tabelas com os valores de todas as repetições podem ser encontradas nos Apêndices (Apêndices D, E, F). Os primeiros dados analisados foram os das sentenças *veículo*, com as palavras *marca*, *cerca*, *perto*, *Mirtes*, *porco*, *porta* e *furto*, em que o /R/ está, em todos os casos, em coda da sílaba tônica, precedido pelas sete vogais orais do PB. Foi calculada a média dos valores medidos nas cinco repetições de cada palavra. Os valores médios de F1, F2 e F3 da leitura das sentenças *veículo* podem ser visualizados nas tabelas a seguir.

Tabela 1 – FILHO – médias de F1, F2 e F3 da leitura de sentenças veículo

| PALAVRA | Vogal | F1 (Hz) | F2 (Hz) | F3 (Hz) |
|----------------|--------------|----------------|----------------|----------------|
| marca | a | 669 | 1773 | 2675 |
| cerca | e | 411 | 1927 | 2990 |
| perto | ɛ | 454 | 1854 | 2501 |
| Mirtes | i | 479 | 2063 | 3110 |
| porco | o | 780 | 1744 | 3087 |
| porta | ɔ | 653 | 1545 | 2486 |
| furto | u | 684 | 1785 | 3003 |

Tabela 2 – PAI – médias de F1, F2 e F3 da leitura de sentenças veículo

| PALAVRA | Vogal | F1 (Hz) | F2 (Hz) | F3 (Hz) |
|----------------|--------------|----------------|----------------|----------------|
| marca | a | 696 | 1681 | 2839 |
| cerca | e | 464 | 1843 | 2748 |
| perto | ɛ | 645 | 1694 | 2815 |
| Mirtes | i | 442 | 1987 | 2754 |
| porco | o | 468 | 1295 | 2673 |
| porta | ɔ | 657 | 1597 | 2803 |
| furto | u | 588 | 1753 | 3108 |

A seguir, foram calculadas as médias de F1, F2 e F3 das manifestações do segmento /R/ nas palavras *porquinho*, *porquinhos*, *perto*, *porta*, *esperto* e *forte*. Essas palavras alvo foram repetidas ao longo do conto, duas, duas, uma, três, uma e uma vez, respectivamente. Nesse caso, então, temos os valores médios de três delas (*porquinho*, *porquinhos*, *porta*) e as outras palavras o valor listado é de uma única produção.

Tabela 3 – FILHO – médias de F1, F2 e F3 da leitura de conto

| PALAVRA | Vogal | F1 (Hz) | F2 (Hz) | F3 (Hz) |
|----------------|--------------|----------------|----------------|----------------|
| porquinho | o | 620 | 1772 | 3117 |
| porquinhos | ɔ | 657 | 1896 | 3054 |
| perto | ɛ | 710 | 1972 | 3098 |
| porta | ɔ | 547 | 1649 | 3092 |
| esperto | ɛ | 434 | 1874 | 2776 |
| forte | ɔ | 583 | 1518 | 3005 |

Tabela 4 – PAI – médias de F1, F2 e F3 da leitura de conto

| PALAVRA | Vogal | F1 (Hz) | F2 (Hz) | F3 (Hz) |
|----------------|--------------|----------------|----------------|----------------|
| porquinho | o | 500 | 1614 | 3091 |
| porquinhos | ɔ | 575 | 1721 | 2845 |
| perto | ɛ | 721 | 1747 | 2963 |
| porta | ɔ | 648 | 1625 | 2941 |
| esperto | ɛ | 615 | 1615 | 2895 |
| forte | ɔ | 698 | 1874 | 3003 |

No contexto de fala semi-espontânea, foi pedido a cada um dos informantes que contassem a história lida por eles anteriormente com suas próprias palavras. Para orientá-los, foi entregue uma sequência de imagens que poderia orientar e/ou auxiliar nesse processo. Ambos os informantes falaram livremente, sem a necessidade de que a pesquisadora intervisse. Na fala do filho, foram encontradas duas palavras com o segmento /R/ em coda: *porquinho*, que foi repetida três vezes e *porquinhos*, repetida 4 vezes. Segue tabela com os valores médios dessas produções.

Tabela 5 – FILHO – médias de F1, F2 e F3 de fala semi-espontânea

| PALAVRA | Vogal | F1 (Hz) | F2 (Hz) | F3 (Hz) |
|----------------|--------------|----------------|----------------|----------------|
| porquinho | o | 571 | 1953 | 3279 |
| porquinhos | ɔ | 535 | 1813 | 3220 |

Já o pai, em contexto de fala semi-espontânea, produziu as palavras *porquinho* uma única vez, *porquinhos* quatro vezes, *porta* três vezes e *esperto* também uma única vez. Os valores médios de *porquinhos* e *porta*, bem como os valores de *porquinho* e *esperto* podem ser vistos a seguir.

Tabela 6 – PAI – médias de F1, F2 e F3 de fala semi-espontânea

| PALAVRA | Vogal | F1 (Hz) | F2 (Hz) | F3 (Hz) |
|----------------|--------------|----------------|----------------|----------------|
| porquinho | o | 721 | 1835 | 3281 |
| porquinhos | ɔ | 570 | 1680 | 3085 |
| porta | ɔ | 689 | 1427 | 2812 |
| esperto | ɛ | 725 | 1516 | 2947 |

Feitas essas primeiras medições, passou-se, então, à análise das produções do segmento /R/ pelos informantes, por meio da observação dos espectrogramas e dos valores dos formantes.

6. DISCUSSÃO

Antes mesmo do início das medições, percebeu-se que as produções do segmento /R/ dos informantes, perceptivamente, não possuíam grandes distinções e ambos pareciam produzir a variante retroflexa. Para confirmar essas expectativas, foram feitas as medições dos valores de F1, F2 e F3 e, uma comparação desses valores, bem como dos espectrogramas dos dois informantes. Tomamos por referência de análise a média dos valores obtidos por meio das medições. Em uma primeira análise acústica, percebemos que, de fato, os falantes produzem a variante retroflexa [ɻ], não havendo, de início, diferenças muito discrepantes entre os espectrogramas de ambos, como pode ser observado nos espectrogramas a seguir, retirados das gravações da leitura de sentenças veículo por pai e filho, da palavra *marca*. Os trechos selecionados correspondem ao segmento /R/. Os valores médios de F1 dessas produções foram de 669Hz para o filho e 696Hz para o pai. Seguem espectrogramas:

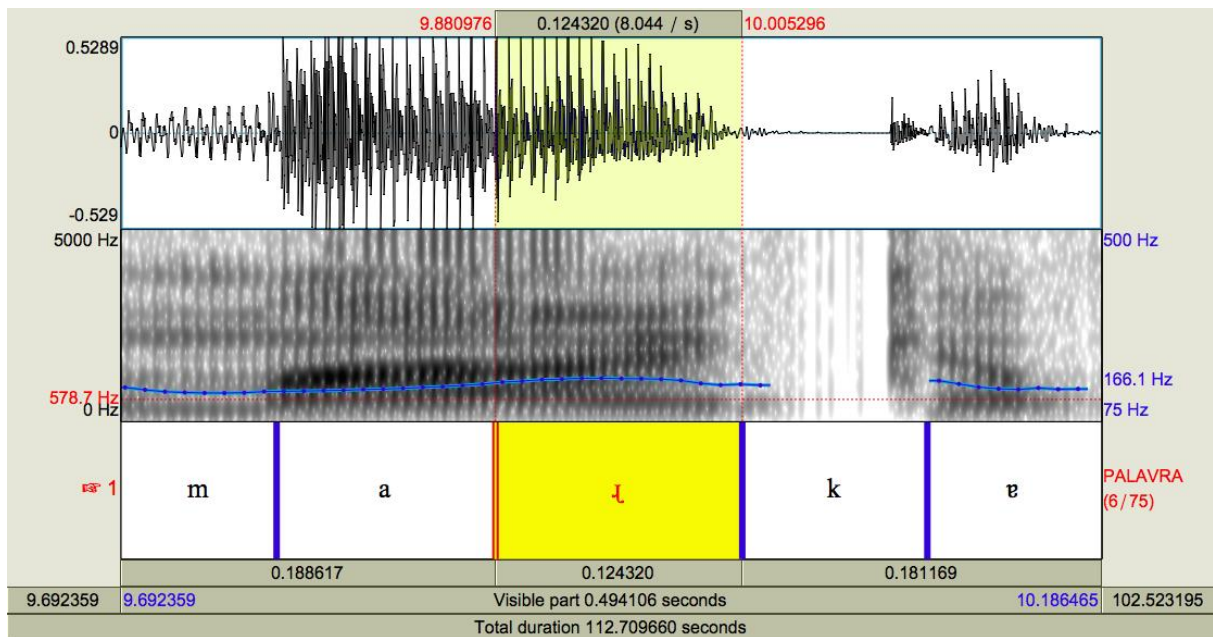


Figura 1 – Espectrograma da palavra *marca* – PAI

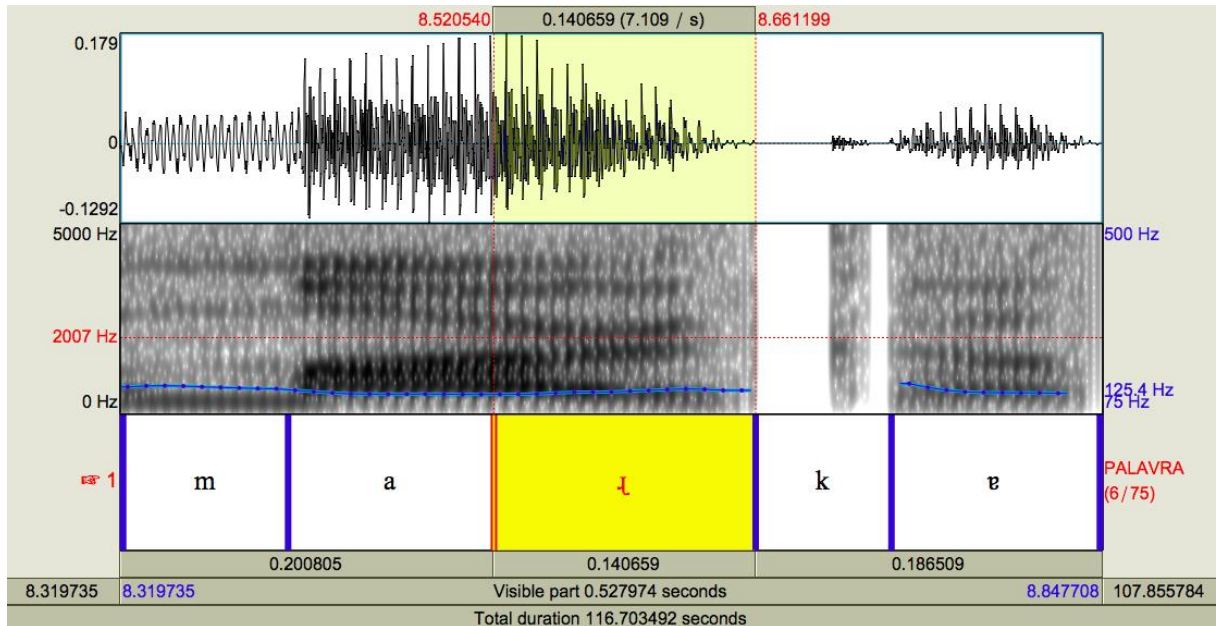


Figura 2 – Espectrograma da palavra *marca* – FILHO

Os resultados médios dos valores dos três primeiros formantes para pai e filho, mais precisamente os valores das sentenças veículo analisadas, com palavras alvo em que o segmento /R/ viesse após cada uma das sete vogais orais do PB, apresentaram diferenças ora sutis ora significativas. Para bem definir o que seriam alterações significativas, nos voltamos à pesquisa de Ferraz (2005), que elaborou uma análise acústica do retroflexo no dialeto de Pato Branco (PR).

Dentre as sete palavras alvo, duas tiveram alterações significativas nos três formantes analisados, F1, F2 e F3, as palavras *perto* e *porco*, em que o /R/ era antecipado por [ɛ] e por [o], respectivamente. Tomemos, primeiramente, a palavra *perto*. Nesse contexto, a fala do filho possuiu valor de F1 significativamente mais baixo, com uma diferença de 191 Hz, enquanto os valores F2 e F3 foram mais altos que na fala do pai, conforme tabela abaixo.

Tabela 7 – Valores das médias de formantes para a palavra *perto*

| | F1(Hz) | F2(Hz) | F3 (Hz) |
|-------|--------|--------|---------|
| FILHO | 454 | 1854 | 2501 |
| PAI | 645 | 1694 | 2815 |

Já a produção de /R/ na palavra *porco*, tanto a F1 quanto a F2 e a F3 do filho tiveram valores consideravelmente mais altos que as produções do pai, como pode ser observado na tabela que se segue.

Tabela 8 – Valores das médias de formantes para a palavra *porco*

| | F1(Hz) | F2(Hz) | F3 (Hz) |
|-------|--------|--------|---------|
| FILHO | 780 | 1744 | 3087 |
| PAI | 468 | 1295 | 2673 |

Essas discrepâncias podem ser associadas à distinções articulatórias dos falantes. De acordo com Ferraz (2005):

os principais movimentos articulatórios que produzem sons distintos estão intimamente ligados com as informações acústicas dos dois primeiros formantes. F1 nos fornece o movimento de abertura e fechamento da mandíbula, enquanto F2, o movimento do principal articulador, ou seja, da língua. Então, quanto mais alto F1, maior a abertura de mandíbula; quanto mais alto F2, mais a língua se direciona para a parte anterior do trato vocal e vice-versa para as duas situações. (FERRAZ, 2005, p. 70)

Nesse caso específico, é possível inferir que para a produção da palavra *perto*, o pai (maior F1) teve maior abertura mandibular, enquanto o filho teve maior recuo da língua. Já nas produções da palavra *porco*, o filho manteve o recuo maior da língua, mas teve também maior abertura mandibular, por exemplo.

A ocorrência em que encontramos uma maior discrepância nos valores das produções de pai e filho foi na palavra *porco*, em que tivemos F1 médio de 468 Hz para o pai e 780 Hz para o filho, uma diferença de 312 Hz. Com essa palavra tivemos o filho com os valores dos três formantes analisados mais altos que os valores dos mesmos formantes do pai, como pode ser observado acima na Tabela 8 e nos espectrogramas ilustrativos abaixo.

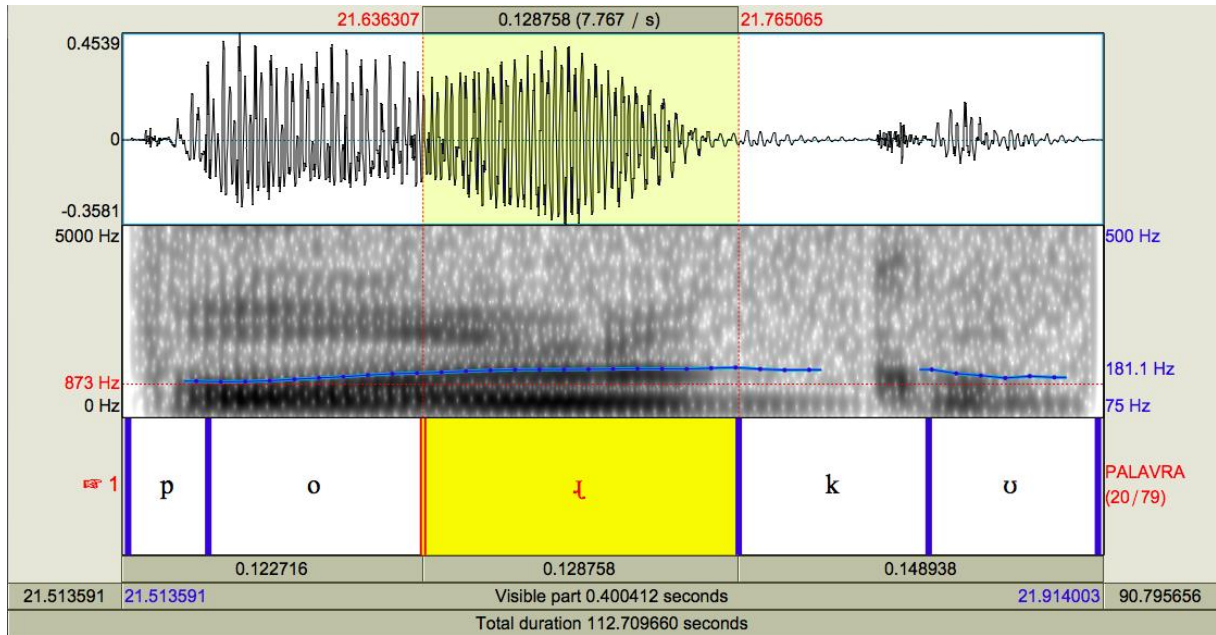


Figura 3 – Espectrograma da palavra *porco* – PAI

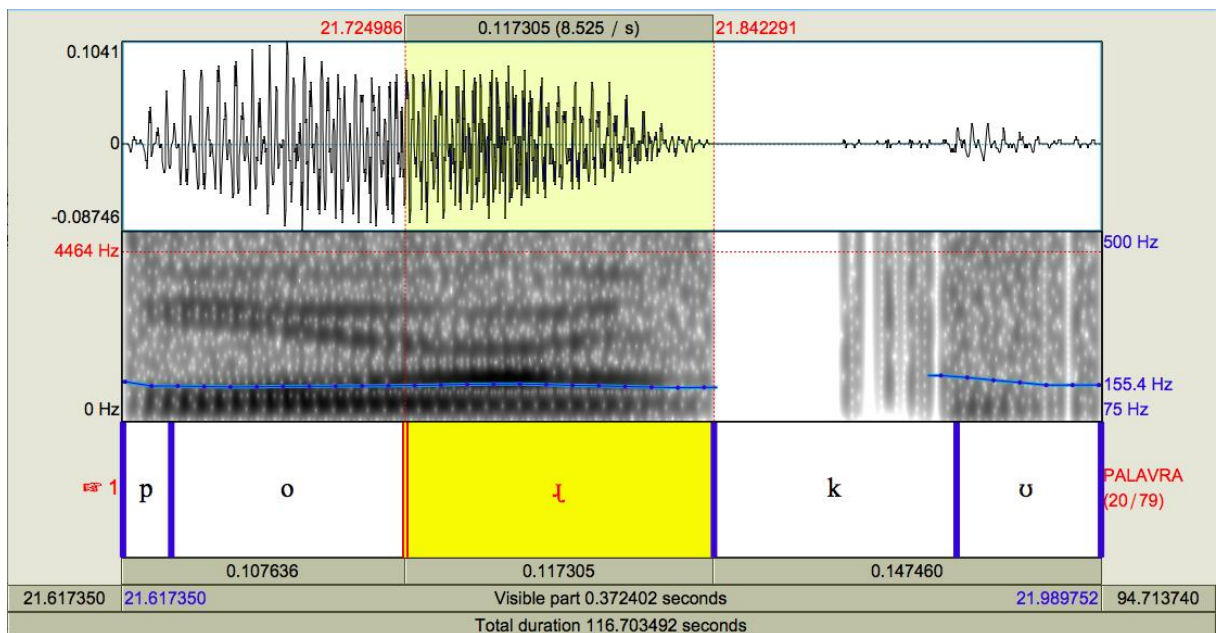


Figura 4 – Espectrograma da palavra *porco* – FILHO

Em relação aos dados retirados da leitura do conto, os valores e discrepâncias, na análise interfalantes, não seguiram um padrão regular de alteração. Nas produções das palavras alvo do conto (*porquinho, porquinhos, perto, porta, esperto, forte*), o filho teve seu F1 consideravelmente maior apenas nas palavras *porquinho* e *porquinhos*, enquanto o pai teve F1 mais alto em todas as outras palavras. Dentre as palavras alvo do conto, apenas duas possuem pares nas sentenças veículo, *porta* e *perto*, e as diferenças nos valores dos formantes,

comparando os dois contextos de produção – sentenças veículo e leitura de conto – tiveram uma variação considerável, especialmente nas produções do filho, cujo valor de F1 nas sentenças veículo ficou em 454 Hz para a palavra *perto*, enquanto na leitura do conto alcançou 710 Hz. Na palavra *porta* houve uma diferença de 106 Hz no valor de F1, com valor maior na sentença veículo que no conto, o que corresponde a um aumento significativo. O fato de os valores no contexto de leitura do conto no caso específico do filho, serem maiores para uma palavra e menores para outro dificulta a tentativa de delimitação de uma alteração padrão em função da mudança de contexto. É importante considerarmos que o tamanho da amostra selecionada para a análise no presente trabalho é relativamente pequena, o que inviabiliza um estudo estatístico mais aprofundado.

Pensando agora na análise intrafalante, optamos por verificar as ocorrências da palavra *porta* nos três contextos de fala do pai: leitura de sentença veículo, leitura de conto e fala semi-espontânea, por ser a única palavra alvo comum nos três momentos. A palavra alvo nas sentenças veículo foi repetida cinco vezes, já no conto e na fala, ocorreram três repetições em cada contexto. O fato de o pai ter produzido espontaneamente a palavra *porta* repetidas vezes no terceiro contexto, possibilita uma análise um pouco mais acurada, a fim de verificar se há variação na produção desse falante em função do contexto de produção. Segue tabela com os valores médios dos formantes de *porta* na fala do pai.

Tabela 9 – Valores das médias de formantes para a palavra *porta* - PAI

| | F1 (Hz) | F2 (Hz) | F3 (Hz) |
|----------------------|---------|---------|---------|
| Sentenças-veículo | 657 | 1597 | 2803 |
| Leitura de conto | 648 | 1625 | 2941 |
| Fala semi-espontânea | 689 | 1427 | 2812 |

Uma hipótese que surgiu no início da presente pesquisa foi a de que havia possibilidade de que ocorresse variação em função do contexto de coleta de dados, especialmente na fala semi-espontânea, em que os falantes tiveram a oportunidade de contar uma história com suas próprias palavras, de maneira improvisada. A análise dos valores dos formantes do segmento /R/ da palavra *porta* nos três contextos trabalhados não apresenta, contudo, alteração significativa, o que indica que uma mudança de contexto não deve, necessariamente, interferir nas produções dos falantes. A fim de ilustrar essas produções, seguem abaixo os espectrogramas da palavra alvo *porta*, nos três contextos, respectivamente: sentença veículo, leitura de conto e fala semi-espontânea. Os trechos selecionados correspondem ao segmento /R/.

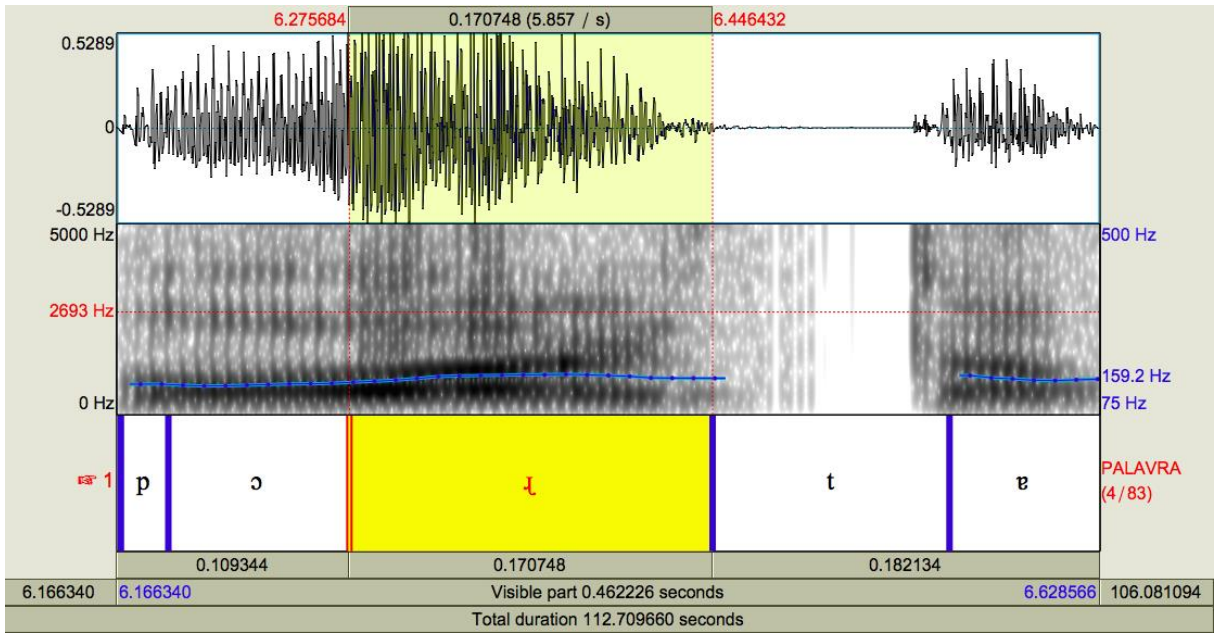


Figura 5 – Espectrograma da palavra *porta* – PAI – Sentença veículo

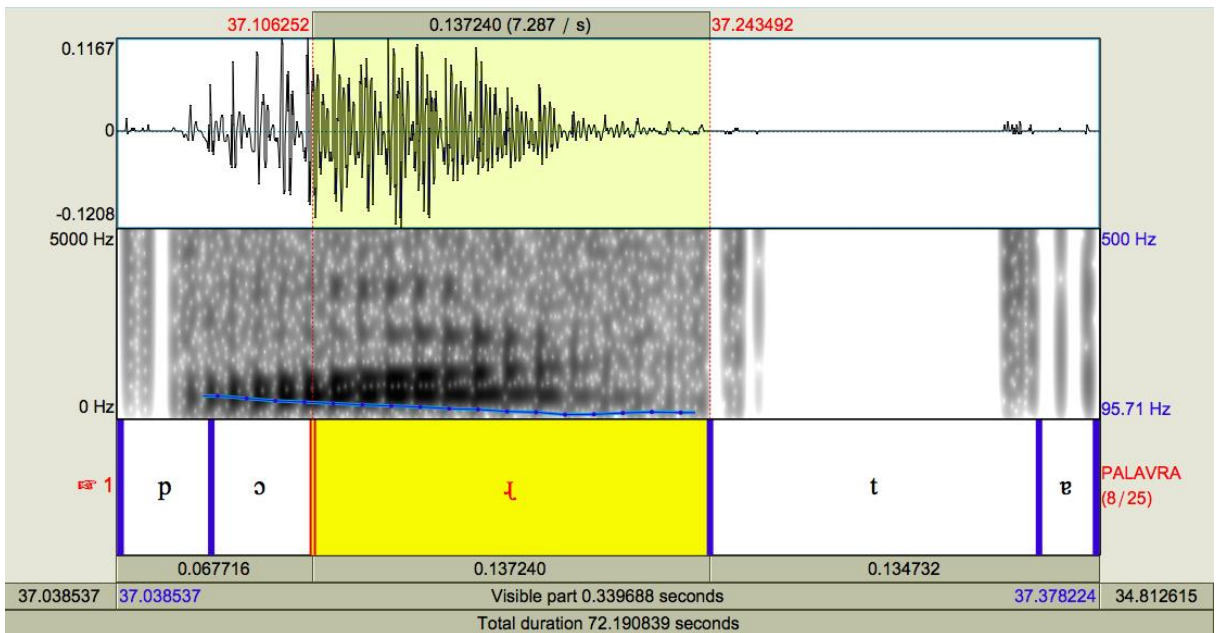


Figura 6 – Espectrograma da palavra *porta* – PAI – Leitura de Conto

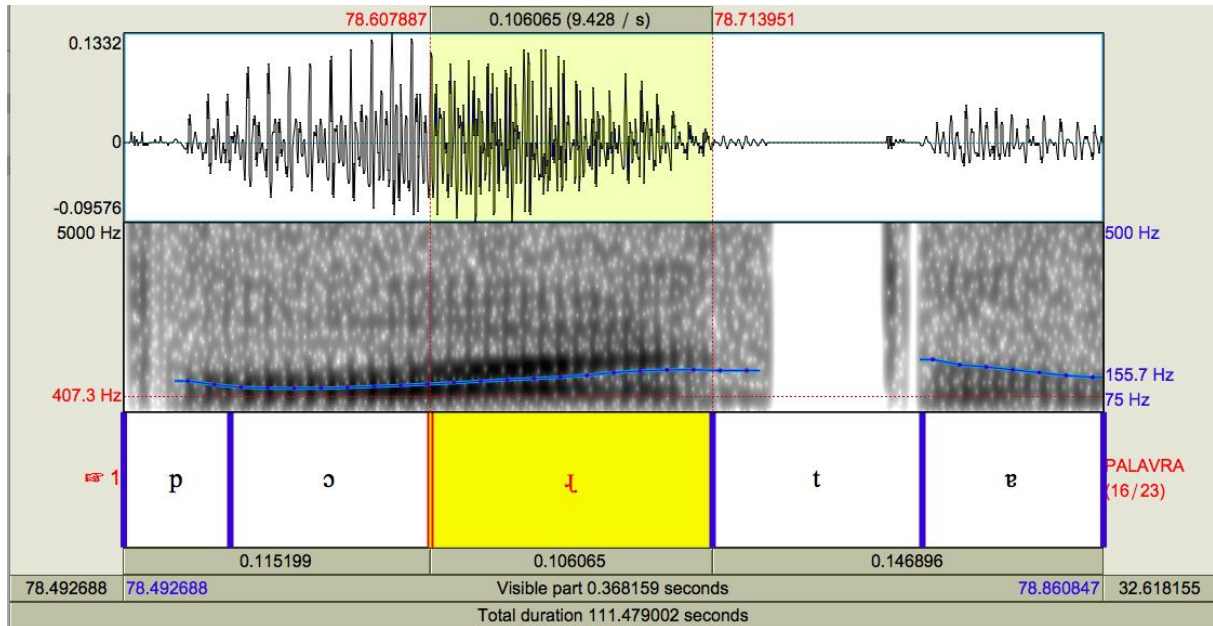


Figura 7 – Espectrograma da palavra *porta* – PAI – Fala semi-espontânea

A partir da observação dos espectrogramas é possível inferir que, em termos de produção do rótico, a diferença mais substancial está na duração do primeiro em relação aos outros dois. Esse fato, certamente, se deve à tarefa de leitura de sentenças daquele. Uma próxima análise pode incluir também medida de duração.

A maior parte da produção literária a respeito das produções dos róticos por falantes de Curitiba, tomam por ponto de partida a variante *tepe*, como é possível observar em trabalhos como o de Clemente e Nishida (2007), por exemplo. Já os estudos a respeito da variante retroflexa são normalmente feitos com falantes do interior do Paraná, como é o caso do estudo de Ferraz (2005) ou no interior de outros estados. Essa hipótese de que o *tepe* é a produção mais comum do curitibano não se comprova a partir da análise dos dados coletados nesta pesquisa. Os informantes, pai e filho curitibanos, tiveram todas as suas produções de /R/ em contexto de coda como retroflexas e não como *tepe*. Isso, somado ao fato de que ambos possuem um vínculo próximo com uma pessoa do interior do estado do Paraná, situação que se aplica a diversas famílias e grupos que habitam a cidade de Curitiba, leva a crer que o convívio próximo com pessoas do interior pode estar interferindo no sotaque do curitibano, incluindo cada vez mais a variante retroflexa no dialeto dos habitantes da capital paranaense.

Porém, o desenvolvimento deste trabalho já demonstra que pode haver a hipótese de que o contato próximo com falantes de cidades do interior do estado possa interferir diretamente na mudança da produção do /R/ em coda do curitibano pode ser explicada por meio dos estudos de Spolsky (1998) a respeito das variações linguísticas:

Essencialmente, existem dois princípios subjacentes a aspectos sociais da variação dialetal. O primeiro é que todas as línguas mudam ao longo do tempo, ao passo que novas palavras são adicionadas para lidar com novos conceitos ou por contato com outras línguas e ‘deriva fonética’ ocasionam mudanças fonológicas. O segundo, é que pessoas que se comunicam umas com as outras tendem a falar de maneira similar. (SPOLSKY, 1998, p. 28, traduzido pela autora¹⁰)

Para o autor, a proximidade dos indivíduos faz com que eles tendam a falarem de maneiras similares. Cabe lembrar também que a língua contribui para a manutenção das relações, como aponta Spolsky (1998): “um dos usos principais da língua é para comunicar significado, mas ela também é usada para estabelecer e manter relações sociais” (SPOLSKY, 1998, p. 3, traduzido pela autora¹¹). Vale ainda ressaltar que qualquer variação ou mudança na língua pode ocorrer como mecanismo de inserção em um determinado grupo e que contribui para a construção da identidade do indivíduo. Para Spolsky (1998):

a existência de uma variação padronizada na língua torna possível identificarmos a nós mesmos e os outros como pertencentes de determinados grupos. O prestígio social ou o estigma associado a essas variações tomam a língua uma fonte de poder político e social. (SPOLSKY, 1998, p. 5, traduzido pela autora¹²)

Por fim, é possível fazer uma reflexão a respeito da relação que a língua e suas mudanças possuem com as identidades individuais, como apontam Hay e Draager (2007), as “identidades sociais são transmitidas e construídas simultaneamente com conteúdo linguístico”. (HAY & DRAAGER, 2007, p. 90, traduzido pela autora¹³).

¹⁰ “Essentially, there are two principles underlying social accounts of dialect variation. The first is that all languages change over time, as new words are added to deal with new concepts or as contact with other languages and ‘phonetic drift’ leads to modifications in phonology. The second is that people who communicate with each other tend to speak similarly. (SPOLSKY, 1998, p. 28)

¹¹ “One of the principal uses of language is to communicate meaning, but is also used to establish and to maintain social relationships.” (SPOLSKY, 1998, p. 3)

¹² “The existence of patterned variation in language makes it possible to identify ourselves and others as belonging to certain groups. The social prestige or stigma associated with these variations makes language a source of social and political power” (SPOLSKY, 1998, p. 5)

¹³ “Social identities are transmitted and constructed simultaneously with linguistic content” (HAY & DRAAGER, 2007, p. 90)

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos objetivos deste trabalho era analisar acusticamente as produções do /R/ em coda do dialeto curitibano a partir da gravação de dados de dois falantes de Curitiba, pai e filho, a fim de descrever as produções encontradas e avaliar possíveis variações intrafalante e interfalantes. Uma das hipóteses que motivou o desenvolvimento desta pesquisa surgiu a partir da experiência desta pesquisadora ao mudar-se para Curitiba. Grande parte dos estudos e análises a respeito do /R/ em coda do curitibano, consideram a variante tepe como o carro-chefe das produções dos falantes de Curitiba, no entanto, essa “imersão” de sotaque curitibano soou forte aos meus ouvidos, pouco acostumados com os sons do tepe e do retroflexo. Ao me debruçar sobre os trabalhos acadêmicos de análise acústica do /R/ curitibano, vi omissos o retroflexo, tão presente no dia a dia de Curitiba. A variante retroflexa, muito comum em cidades do interior, como aponta Brandão (2007), perceptivamente era também muito comum na cidade de Curitiba – quer fosse pelo grande número de pessoas do interior, quer fosse pelo contato dos curitibanos com essas pessoas. Isso posto, decidimos analisar a produção do /R/ por falantes curitibanos, mas que possuísem contato com alguém nascido no interior, por crermos que esse é um modelo que reflita a situação de um grande número de curitibanos.

Os resultados alcançados atendem a essa hipótese – de que o retroflexo seja uma produção comum do curitibano – especialmente quando se trata do falante curitibano que possua proximidade com pessoas de outras cidades do interior do estado do Paraná. Partindo da análise de dados coletados a partir da leitura de sentenças veículo e de um pequeno conto, além de uma fala semi-espontânea, constatou-se que ambos os falantes, pai e filho, produziram a variante retroflexa em contexto de coda.

Além disso, apesar de os dados coletados indicarem algumas variações consideráveis entre os falantes, especialmente na F1, essas variações não parecem seguir um padrão de mudança em relação ao contexto de produção, à vogal anterior ou até mesmo à faixa etária, uma vez que ora o filho possuía os valores médios dos formantes mais altos, ora o pai os apresentava. Na análise intrafalante, em que foram analisadas as produções nos três contextos distintos, da mesma palavra alvo – *porta* – pelo pai, não foram percebidas diferenças significativas nos valores de F1, F2 ou F3, o que indica que, nesse caso, a mudança de contexto de produção (leitura de sentença veículo, leitura de conto e fala semi-espontânea) não interferiram na produção do falante.

Sabemos que um estudo quantitativo que vise caracterizar o dialeto curitibano, como um todo, exigiria um grande número de informantes e um número maior ainda de dados. Contudo, o intuito com esta pesquisa era o de iniciar um estudo a respeito do falar curitibano, ao analisar dados de apenas dois falantes, e indica ainda a possibilidade de esse falar estar em processo de mudança, o que pode abrir portas para pesquisas futuras e de maior porte.

O desenvolvimento deste trabalho mostrou que pode haver, de fato, um processo de mudança do que se entende pelo sotaque curitibano, especialmente quanto à produção do /R/. Essa mudança pode ser explicada, neste caso, pela proximidade dos informantes de pessoas do interior do estado. Além disso, os resultados alcançados nesta pesquisa inicial podem servir de impulso a pesquisas mais aprofundadas, que venham a contribuir para a produção bibliográfica a respeito do assunto.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci. A. & SILVA, Helen. C. “Dois momentos do /r/ retroflexo em Lavras - MG: no Atlas Linguístico de Minas Gerais e nos dados do projeto do Atlas Linguístico do Brasil” . In: *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 8, 2011.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRANDÃO, Sílvia. F. “Nas trilhas do -R retroflexo”. In: *Signum: Estudos Linguísticos*, Londrina, n.10/2, p. 265-283, Dez. 2007.
- CAMACHO, Roberto Gomes. “Norma Culta e Variedades Linguísticas”. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, Prograd. *Caderno de formação: formação de professores didática geral*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 334-449, v.11.
- CLEMENTE, Felipe Costa; NISHIDA, Gustavo. “Características acústicas do tap em coda: dados do português de Curitiba e do espanhol de Buenos Aires”. *Revista Letras*, Curitiba, N. 73, P. 73-88, Set/Dez. 2007. Editora UFPR.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thais. *Fonética e fonologia do português brasileiro: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2005.
- FERRAZ, Irineu. *Características fonético-acústicas do /r/ retroflexo do Português Brasileiro: dados de informantes de Pato Branco (PR)*. 2005. 124 folhas. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2005.
- FOULKES, Paul, James M. Scobbie & Dominic J.L. Watt. 2010. “Sociophonetics”. *Handbook of Phonetic Sciences* (2nd ed.) ed. by William Hardcastle, John Laver & Fiona Gibbon, 703–754. Oxford: Blackwell. [10.1002/9781444317251.ch19](https://doi.org/10.1002/9781444317251.ch19)
- FOULKES, Paul; DOCHERTY, Gerard. “The social life of phonetics and phonology”, in *Journal of Phonetics*. 34, 2006. P. 409-438.
- HAY, J.; DRAGER, K. “Sociophonetics”, in *Annual Review Anthropology*, 2007, 36, pp. 89-103.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos / tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso*. -São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, William. *Sociolinguística: uma entrevista com William Labov*. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].
- LADEFOGED, P. & MADDIESON, I. *The sounds of the world's languages*. Cambridge:Blackwell, 1996:215-245.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. “O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora de uma reconsideração radical?” In: Signorini, Inês (org.). *Lingua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. pp. 21-46.

SILVA, Adelaide H.P. *Fonética e Fonologia*. Curitiba: IESDE Brasil, 2007.

SILVA, Adelaide H. P.; CLEMENTE, Felipe Costa; NISHIDA, Gustavo. Para a representação dinâmica do tap em grupos e codas: evidências acústicas. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 4, n. 7, agosto de 2006. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

SPOLSKY, Bernard. *Sociolinguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Sentenças-veículo

Diga *casa* para mim.

Diga *porta* para mim.

Diga *leite* para mim.

Diga *marca* para mim.

Diga *perto* para mim.

Diga *cerca* para mim.

Diga *Mirtes* para mim.

Diga *três* para mim.

Diga *brincar* para mim.

Diga *porco* para mim.

Diga *furto* para mim.

Diga *Antônio* para mim.

APÊNDICE B**PESQUISA SOBRE FONÉTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Nome: _____

E-mail: _____

Idade: _____

Sexo: () Masculino () Feminino

Profissão: _____

Escolaridade: () Fundamental

() Ensino Médio

() Ensino Superior. Curso: _____

() Pós-Graduação. Curso: _____

Naturalidade (cidade/estado): _____

Cidade em que habita atualmente: _____

Há quanto tempo?: _____

Já morou em outra cidade: () Sim () Não

Qual? _____ Por quanto tempo? _____

Você convive proximamente com pessoas naturais de outras cidades além de Curitiba?

() Sim () Não. De que cidade? _____

Grau de parentesco/proximidade: _____

Você fala alguma língua estrangeira? () Sim () Não

Qual(is)? _____

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: **Estudos em Fonética da Língua Portuguesa.**

Nome da Orientadora: **Maria Lucia de Castro Gomes**

Nome da Pesquisadora aluna: **Maria Lígia Freire Guilherme**

1. *O sr. (sra.) está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa que tem como finalidade analisar aspectos fonéticos e fonológicos das falas de falantes de Curitiba, como parte da pesquisa de conclusão do curso de Letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná da aluna Maria Lígia Freire Guilherme, orientada pela Prof^a Maria Lucia de Castro Gomes. Participarão deste estudo indivíduos que habitam a cidade de Curitiba.*
2. *Ao participar deste estudo o sr. (sra) permitirá que as pesquisadoras Maria Lígia Freire Guilherme e Maria Lucia de Castro Gomes tenham acesso aos dados gravados para elaboração de trabalhos acadêmicos. O sr. (sra.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para o sr. (sra.). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora do projeto.*
3. *Será feita a leitura de 60 (sessenta) frases e de um pequeno conto, além de uma contação de história a partir da leitura de imagens a respeito do mesmo tema.*
4. *A participação nesta pesquisa não traz complicações legais ou físicas e as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais e sua identidade será preservada.. Somente a pesquisadora e a orientadora terão conhecimento dos dados.*
5. *Ao participar desta pesquisa o sr. (sra.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre as produções dos falantes curitibanos, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa contribuir para a área da Fonética, onde a pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos.*
6. *O sr. (sra.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.*

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, RG _____, Tendo em vista os itens acima apresentados, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura da Pesquisadora Orientadora

Assinatura da Pesquisadora Aluna

Pesquisadora Orientadora: MARIA LUCIA DE CASTRO GOMES (41-8831-8955)

Pesquisadora Aluna: MARIA LÍGIA FREIRE GUILHERME (41-9883-2642)

APÊNDICE D

TABELAS COM OS VALORES DE F1, F2, F3 SENTENÇAS VEÍCULO

PAI

VALORES F1

| Palavra/Repetição | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | MÉDIA |
|-------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-------|
| marca | 730 | 688 | 667 | 662 | 734 | 696,2 |
| cerca | 455 | 453 | 439 | 429 | 547 | 464,6 |
| perto | 672 | 573 | 644 | 613 | 726 | 645,6 |
| Mirtes | 466 | 371 | 476 | 393 | 507 | 442,6 |
| porco | 418 | 431 | 377 | 614 | 501 | 468,2 |
| porta | 628 | 659 | 728 | 721 | 552 | 657,6 |
| furto | 703 | 473 | 833 | 457 | 475 | 588,2 |

VALORES F2

| Palavra/Repetição | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | MÉDIA |
|-------------------|------|------|------|------|------|--------|
| marca | 1615 | 1691 | 1671 | 1693 | 1738 | 1681,6 |
| cerca | 1743 | 1806 | 1745 | 1926 | 1995 | 1843 |
| perto | 1887 | 1641 | 1586 | 1702 | 1658 | 1694,8 |
| Mirtes | 2014 | 1882 | 2061 | 1928 | 2051 | 1987,2 |
| porco | 1143 | 1150 | 1080 | 1691 | 1412 | 1295,2 |
| porta | 1500 | 1528 | 1733 | 1642 | 1586 | 1597,8 |
| furto | 1798 | 1465 | 2163 | 1690 | 1653 | 1753,8 |

VALORES F3

| Palavra/Repetição | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | MÉDIA |
|-------------------|------|------|------|------|------|--------|
| marca | 2755 | 2817 | 2922 | 2931 | 2774 | 2839,8 |
| cerca | 2732 | 2702 | 2596 | 2786 | 2927 | 2748,6 |
| perto | 2961 | 2845 | 2806 | 2710 | 2753 | 2815 |
| Mirtes | 2791 | 2567 | 2871 | 2742 | 2803 | 2754,8 |
| porco | 2415 | 2416 | 2327 | 3212 | 2999 | 2673,8 |
| porta | 2843 | 2771 | 2736 | 3035 | 2632 | 2803,4 |
| furto | 3173 | 2727 | 3360 | 3106 | 3177 | 3108,6 |

FILHO**VALORES F1**

| Palavra/Repetição | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | MÉDIA |
|--------------------------|----------|----------|----------|----------|----------|--------------|
| marca | 622 | 735 | 688 | 658 | 642 | 669 |
| cerca | 524 | 451 | 386 | 348 | 349 | 411,6 |
| perto | 424 | 457 | 437 | 486 | 468 | 454,4 |
| Mirtes | 586 | 332 | 345 | 335 | 800 | 479,6 |
| porco | 948 | 648 | 602 | 913 | 790 | 780,2 |
| porta | 1033 | 507 | 625 | 598 | 503 | 653,2 |
| furto | 876 | 294 | 735 | 951 | 565 | 684,2 |

VALORES F2

| Palavra/Repetição | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | MÉDIA |
|--------------------------|----------|----------|----------|----------|----------|--------------|
| marca | 1817 | 1824 | 1736 | 1827 | 1664 | 1773,6 |
| cerca | 2023 | 1966 | 1925 | 1867 | 1857 | 1927,6 |
| perto | 1889 | 1834 | 1895 | 1825 | 1829 | 1854,4 |
| Mirtes | 2182 | 1945 | 1962 | 1964 | 2265 | 2063,6 |
| porco | 2124 | 1573 | 1570 | 1885 | 1568 | 1744 |
| porta | 1736 | 1533 | 1563 | 1389 | 1505 | 1545,2 |
| furto | 2324 | 1343 | 1793 | 1840 | 1629 | 1785,8 |

VALORES F3

| Palavra/Repetição | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | MÉDIA |
|--------------------------|----------|----------|----------|----------|----------|--------------|
| marca | 2861 | 2794 | 2627 | 2726 | 2370 | 2675,6 |
| cerca | 3063 | 2995 | 2805 | 2983 | 3106 | 2990,4 |
| perto | 2734 | 2437 | 2493 | 2436 | 2407 | 2501,4 |
| Mirtes | 3372 | 2807 | 3108 | 3071 | 3194 | 3110,4 |
| porco | 3460 | 3092 | 2842 | 3088 | 2955 | 3087,4 |
| porta | 3248 | 2071 | 2598 | 2271 | 2243 | 2486,2 |
| furto | 3466 | 2586 | 3083 | 3102 | 2780 | 3003,4 |

APÊNDICE E**TABELAS COM OS VALORES DE F1, F2, F3****CONTO****PAI****VALORES F1**

| Palavra/Repetição | 1 | 2 | 3 | MÉDIA |
|-------------------|-----|-----|-----|------------|
| porquinho | 575 | 425 | /// | 500 |
| porquinhos | 600 | 550 | /// | 575 |
| perto | 721 | /// | /// | 721 |
| porta | 668 | 709 | 568 | 648,333333 |
| esperto | 615 | /// | /// | 615 |
| forte | 698 | /// | /// | 698 |

VALORES F2

| Palavra/Repetição | 1 | 2 | 3 | MÉDIA |
|-------------------|------|------|------|-------|
| porquinho | 1589 | 1639 | /// | 1614 |
| porquinhos | 1696 | 1746 | /// | 1721 |
| perto | 1747 | /// | /// | 1747 |
| porta | 1597 | 1715 | 1563 | 1625 |
| esperto | 1615 | /// | /// | 1615 |
| forte | 1874 | /// | /// | 1874 |

VALORES F3

| Palavra/Repetição | 1 | 2 | 3 | MÉDIA |
|-------------------|------|------|------|--------|
| porquinho | 3129 | 3054 | /// | 3091,5 |
| porquinhos | 2711 | 2980 | /// | 2845,5 |
| perto | 2963 | /// | /// | 2963 |
| porta | 2867 | 3099 | 2857 | 2941 |
| esperto | 2895 | /// | /// | 2895 |
| forte | 3003 | /// | /// | 3003 |

FILHO**VALORES F1**

| Palavra/Repetição | 1 | 2 | 3 | MÉDIA |
|-------------------|-----|-----|-----|------------|
| porquinho | 524 | 716 | /// | 620 |
| porquinhos | 834 | 481 | /// | 657,5 |
| perto | 710 | /// | /// | 710 |
| porta | 555 | 526 | 562 | 547,666667 |
| esperto | 434 | /// | /// | 434 |
| forte | 583 | /// | /// | 583 |

VALORES F2

| Palavra/Repetição | 1 | 2 | 3 | MÉDIA |
|-------------------|------|------|------|------------|
| porquinho | 1743 | 1802 | /// | 1772,5 |
| porquinhos | 1942 | 1851 | /// | 1896,5 |
| perto | 1972 | /// | /// | 1972 |
| porta | 1592 | 1719 | 1637 | 1649,33333 |
| esperto | 1874 | /// | /// | 1874 |
| forte | 1518 | /// | /// | 1518 |

VALORES F3

| Palavra/Repetição | 1 | 2 | 3 | MÉDIA |
|-------------------|------|------|------|------------|
| porquinho | 3190 | 3044 | /// | 3117 |
| porquinhos | 3076 | 3032 | /// | 3054 |
| perto | 3098 | /// | /// | 3098 |
| porta | 3130 | 3129 | 3018 | 3092,33333 |
| esperto | 2776 | /// | /// | 2776 |
| forte | 3005 | /// | /// | 3005 |

APÊNDICE F

TABELAS COM OS VALORES DE F1, F2, F3 - FALA SEMI-ESPONTÂNEA

PAI

VALORES F1

| Palavra/Repetição | 1 | 2 | 3 | 4 | MÉDIA |
|-------------------|-----|-----|-----|-----|------------|
| porquinhos | 507 | 545 | 666 | 562 | 570 |
| porta | 726 | 659 | 683 | /// | 689,333333 |
| porquinho | 721 | /// | /// | /// | 721 |
| esperto | 725 | /// | /// | /// | 725 |

VALORES F2

| Palavra/Repetição | 1 | 2 | 3 | 4 | MÉDIA |
|-------------------|------|------|------|------|------------|
| porquinhos | 1625 | 1652 | 1653 | 1791 | 1680,25 |
| porta | 1450 | 1371 | 1462 | /// | 1427,66667 |
| porquinho | 1835 | /// | /// | /// | 1835 |
| esperto | 1516 | /// | /// | /// | 1516 |

VALORES F3

| Palavra/Repetição | 1 | 2 | 3 | 4 | MÉDIA |
|-------------------|------|------|------|------|------------|
| porquinhos | 2985 | 3230 | 3072 | 3055 | 3085,5 |
| porta | 2807 | 2668 | 2962 | /// | 2812,33333 |
| porquinho | 3281 | /// | /// | /// | 3281 |
| esperto | 2947 | /// | /// | /// | 2947 |

FILHO

VALORES F1

| Palavra/Repetição | 1 | 2 | 3 | 4 | MÉDIA |
|-------------------|-----|-----|-----|-----|------------|
| porquinhos | 507 | 545 | 666 | 562 | 570 |
| porta | 726 | 659 | 683 | /// | 689,333333 |
| porquinho | 721 | /// | /// | /// | 721 |
| esperto | 725 | /// | /// | /// | 725 |

VALORES F2

| Palavra/Repetição | 1 | 2 | 3 | 4 | MÉDIA |
|-------------------|------|------|------|------|------------|
| porquinhos | 1625 | 1652 | 1653 | 1791 | 1680,25 |
| porta | 1450 | 1371 | 1462 | /// | 1427,66667 |
| porquinho | 1835 | /// | /// | /// | 1835 |
| esperto | 1516 | /// | /// | /// | 1516 |

VALORES F3

| Palavra/Repetição | 1 | 2 | 3 | 4 | MÉDIA |
|-------------------|------|------|------|------|------------|
| porquinhos | 2985 | 3230 | 3072 | 3055 | 3085,5 |
| porta | 2807 | 2668 | 2962 | /// | 2812,33333 |
| porquinho | 3281 | /// | /// | /// | 3281 |
| esperto | 2947 | /// | /// | /// | 2947 |

ANEXOS

ANEXO 1

Outra versão dos Três Porquinhos

Era uma vez, três porquinhos chamados: Cícero, Heitor e Prático. Um dia, eles resolveram deixar a casa de sua mãe e foram construir suas próprias casas na floresta. Prático disse que faria sua casa de tijolos, os irmãos riram e disseram que palha e madeira eram mais simples. Enquanto prático trabalhava muito seus irmãos fizeram suas casas depressa e foram brincar. Uma noite, veio um lobo bateu na casa de palha e queria entrar, o porquinho apavorado não abriu a porta. Então o lobo estufou o peito e soprou forte. O porquinho correu para a casa do irmão. O lobo chegou gritou mas ninguém abriu a porta, estufou novamente o peito e soprou e tudo voou. Os irmãos correram para a casa de prático construída de tijolos. Como era esperto deixou um caldeirão perto da porta, o lobo correu e caiu dentro do caldeirão com água fervendo e fugiu da casa. E assim, os três porquinhos viveram felizes na casa de tijolos.

Disponível em: < <http://aprenderpelaeexperiencia.blogspot.com.br/2013/07/sequencia-de-atividades-de.html> > Acessado em: 02//07/2015

ANEXO 2

Editora Ciranda Cultural

ORDENE A ILUSTRAÇÃO DE ACORDO COM A HISTÓRIA.

